

Historiografia literária na torre de Babel

Prof.^a Dr.^a Heidrun Krieger Olinto¹ (PUC-Rio/ CNPq)

Resumo:

É recente, na construção de conhecimento nos estudos literários, a emergência de uma escrita em sintonia com a sua fundamentação atual. A reflexão teórica proposta aborda o descompasso tradicional focalizando novos experimentos que traduzem “um sopro de gaia ciência” sob o signo de babel. A metáfora, de valor original negativo como catalisadora de dispersão, será reconfigurada no contexto de projetos teóricos que despedem modelos científicos redutores de complexidade pelo acento sobre linguagens plurais, múltiplas camadas espaciais e durações pluri-temporais. Neste âmbito será analisado de forma modelar um experimento inovador de historiografia literária (e cultural) que sublinha em sua escrita babélica o dinamismo aberto de toda história da literatura, presente na própria forma ensaística que equilibra o seu discurso argumentativo na fronteira entre arte e ciência.

Palavras-chave: *teoria de literatura, história, historiografia literária*

Introdução

Dois comentários de renomados críticos de literatura e cultura, afinados com a atmosfera que caracteriza produções literárias atuais, os pressupostos de sua teorização e de sua configuração historiográfica, servem de guia para as minhas reflexões.

Andreas Huyssen saudou a publicação, em 2004, de *A New History of German Literature* (Wellbery et alii, 2004a), com indisfarçável entusiasmo como evento esperado por longos 35 anos e Peter von Matt classificou o projeto como “ein Hauch fröhlicher Wissenschaft” – um sopro de gaia ciência (MATT, 2006). Enquanto Huyssen acusa com esta aclamação explícita o resgate de promessas e expectativas vinculadas à revolução paradigmática anunciada nos estudos literários em fins dos anos de 1960 e disseminada na década subsequente em diversas tentativas de sua concretização na prática, a resenha de Matt acentua o valor do repertório teórico na construção de conhecimento científico que sustenta a realização desse novo experimento historiográfico. As duas avaliações permitem iluminar pedras-chave nas fundações da torre de babel no campo dos estudos de literatura.

1.

O crédito dado ao livro, editado por David E. Wellbery em colaboração com Judith Ryan, Hans Ulrich Gumbrecht, Anton Kaes, Joseph Leo Koerner e Dorothea E. von Mücke, certamente não se explica apenas pela multiplicidade de informações e de eventos tematizados – em quase 200 ensaios produzidos por 152 contribuintes recrutados entre teóricos e historiadores de literatura, críticos, filósofos, musicólogos, estudiosos do teatro, do cinema, da mídia – mas, também, pela própria estruturação dos ensaios articulados como estrelas de uma constelação. O potencial comunicativo dessa estrutura dissipativa é idealizado por Wellbery para seduzir os usuários a experimentar caminhos alternativos e atalhos transversais e para provocar efeitos-surpresa ao gerar momentos de iluminação intensa capaz de descortinar cenários multi-espaciais e multi-temporais dos ambientes artísticos e político-culturais de treze séculos de história de literatura e cultura germânicas.

Um dos aspetos significativos que distingue o referido experimento historiográfico diz respeito ao circuito comunicativo, de modo geral, dirigido a estudantes e estudiosos de literatura germânica. Em sua introdução de *A New History of German Literature*, Wellbery enfatiza que não quer excluir essa parcela – “on the contrary!” – mas deslocar o acento sobre o “general or educated reader” (WELLBERY, 2004 b. p.xxi), incluindo no circuito comunicativo não apenas especialistas da área, mas igualmente leitores motivados por desejos particulares, não limitados à preparação de leituras escolares, exames bem sucedidos e propósitos de investigação científica. Segundo o autor, esses leitores encontram-se “almost anywhere” (p.xxii) nas condições atuais de circulação internacional de livros, promovida por produções massivas em escala global facultadas por novas tecnologias eletrônicas e, ainda, marcadas pela diversidade étnica nos grandes centros urbanos mundiais.

A sua contundente crítica a histórias literárias tradicionais justifica-se, ainda, pela radicalização da idéia da historicidade da literatura, enfatizada não só a partir de sua capacidade de testemunhar experiências humanas concretas, mas também em função de sua ressonância na vida dos próprios leitores. Para Wellbery, estes efeitos encontram-se inseparáveis da particularidade de seu momento, do seu caráter histórico como ocorrência contingente. Essas características, ausentes em historiografias herdadas, sublinham textos e performances literárias como eventos singulares, e não enquanto instâncias exemplares de tendências e normas gerais, cristalizadas na configuração de espírito de época, nação, classe social ou ideal estético, ao transformar casos particulares em manifestações típicas e aplainando, assim, a sua diferença. Em outras palavras, esta operação de redução da complexidade apaga precisamente a sua singularidade datável, a sua contingência. Contrastando com este tipo de historiografia, *A New History of German Literature* apresenta-se na qualidade de um contra-modelo ao pretender restaurar o acesso a dimensões invisíveis e silenciadas nos processos de produção literária e suas formas de teorização que sustentam a escrita de histórias de literatura tradicionais.

2.

Em que pesem as diferenças, na avaliação do historiador alemão Jörn Rüsen, encontramos-nos, ainda hoje, numa situação de indefinição – que divide especialmente o campo da teoria e o campo da prática – diante de duas perspectivas opostas do pensamento histórico que atravessam as suas distintas formas de representação, acentuando, por um lado, a idéia da história como totalidade em evolução progressiva, sinalizada pela articulação temporal entre passado, presente e futuro e, por outro, sublinhando a existência de histórias, narrativas e historiografias desarticuladas. Uma avaliação dos modelos priorizados atualmente, exposta pelo autor no ensaio “A história entre a modernidade e a pós-modernidade”, revela a sua crescente complexidade justificada pelo autor em função do descrédito em relação a uma história integrada uma que, em comparação com outras formas de identidade cultural, não passaria de uma ideologia eurocêntrica (RÜSEN, 1997. p.86).

Estas novas formas de representação historiográfica começaram a ser chamadas de narrativas, em contraste com as análises explicativas abstratas – a “teoria fria” – para enfatizar uma forma de “descrição cheia de vivacidade” capaz de provocar uma “empatia calorosa” (p.92). Jörn Rüsen vincula as novas preferências da historiografia atual com o privilégio dado à micro-história em oposição à macro-história, à grande narrativa, comprometida com a investigação de conjuntos sociais e épocas de longa duração e, por isso, com métodos de análise fundados sobre modos de generalização. O historiador “pós-moderno”, avesso a concepções teóricas inflexíveis, opta por novas formas de representação, que garantam a eventos do passado a preservação do seu sentido singular que se perderia quando vinculado ao presente numa linha evolutiva histórica unidimensional. O novo enfoque minimiza a reconstrução das condições estruturais da vida no passado, para explicar, antes, “a vida real das pessoas” e os modos como elas próprias vivenciaram e interpretaram o seu mundo peculiar. O acento sobre a investigação da mentalidade das pessoas e de como esta se materializava

em experiências vivenciais concretas pretendia, assim, restituir-lhes também uma autonomia cultural perceptível em sua diferença em relação à nossa.

Rüsen propõe uma mediação entre essas posições distintas a partir do pressuposto de que os indivíduos necessitam, para a prática específica de vida, de uma orientação em padrões temporais que a narrativa histórica oferece. Mas o dilema que se coloca para ele – entre a aceitação da idéia pós-moderna da existência de múltiplas histórias associada ao risco do relativismo total e a admissão da necessidade de uma representação mental da unidade da experiência histórica – pode ser formulado do seguinte modo: como produzir uma concepção da universalidade da evolução histórica e aceitar simultaneamente que só existe uma multiplicidade de histórias distintas, em outras palavras, sublinhar o multiperspectivismo no pensamento histórico? Um possível elemento mediador seria o “princípio normativo do reconhecimento recíproco de diferenças na vida humana”, um princípio que permitiria um novo acesso à experiência histórica que vincula a unidade da humanidade e da evolução no tempo com a diferença das culturas, por um lado, e com a sua multiplicidade, por outro (RÜSEN, 1997. p.95). Para Rüsen, essa idéia orientadora ensaia uma síntese da micro e macro-história, dimensões não excludentes mas interdependentes, contanto que a micro-história não perca sua referência às condições macro-históricas à custa da desistorização dos seus próprios objetos de investigação.

Na caracterização do historiador Roger Chartier o projeto pode ser entendido como “ciência do vivido”, dedicada simultaneamente à apreensão global e pontual, o que permite a compreensão de determinada realidade, existência ou prática sem que elas sejam tomadas por tipificações. O conhecimento produzido desta forma é indireto e indicial, permitindo considerar plausíveis as relações entre os traços documentais e os fenômenos de que são indícios. Para o historiador trata-se, deste modo, também de uma prática fundada sobre o conceito paradoxal do “excepcional normal” (CHARTIER, 2002. p. 239).

3.

A minha digressão permite lançar uma luz mais intensa sobre as novas opções e convicções teóricas que orientam o experimento historiográfico *A New History of German Literature*. Essa história da literatura alemã oferece, na perspectiva norte-americana, uma visão do espaço cultural germânico contrariando a idéia de uma unidade espiritual em constante progresso que se desenvolve de sua origem em direção a uma realização final, em certo momento sustentada pela idéia de uma unidade nacional. Tampouco se trata de uma galeria de grandes autores enfileirados segundo uma classificação em épocas definidas de antemão, mas, antes, as datas que acompanham os títulos dos diversos ensaios que compõem a coletânea, visam focar momentos históricos, políticos e culturais e suas expressões estéticas, a partir dos quais são iluminados determinados fenômenos literários.

Na verdade a proposta concretizada nesta história da literatura tem alguns padrinhos espirituais antecedentes e contemporâneos em outros experimentos de historiografia literária sensíveis não só às questões do despertar epistemológico na origem de certas revoluções paradigmáticas no espaço disciplinar dos estudos de literatura, que afetaram as formas de sua teorização e as tentativas de transformá-las em prática, mas igualmente afinadas com a expansão de nossas experiências e suas formas de simbolização sócio-cultural num mundo globalizado de feições multiculturais. Deste modo, a forma de narrativa contínua extensa, de autoria única, cedeu lugar a múltiplas vozes centradas sobre momentos ímpares na história literária, despidos do seu papel tradicional exclusivo de redutores da complexidade ao tornar invisível o seu caráter contingente.

No caso, trata-se de dar ênfase ao “communicative potential of the anecdotal and the discontinuous for generating sudden illumination” (WELLBERY, 2004a, p. xviii), evidenciando, assim, a experiência de um momento na escala temporal que exhibe simultaneamente a marca do

típico e do único. Edward T. Potter, em sua resenha “Snapshots of German Literary e Cultural History”, aproximou o efeito dessa configuração sobre o processo comunicativo como experiência de leitura em que “a variety of these essays is similar to looking at a photo album, for each entry, like a snapshot, is a self-contained structured representation of a past event, and each, under analysis reveals the relationships, interests and styles of representation at the time the event took place” (POTTER, 2006). Essa opção de composição escritural, dando atenção ao normal excepcional, funciona, portanto, também como catalisador de complexidades que, numa sequência de microcosmos, oferece “dazzling glimpses”. Para Wellbery, essa pretendida experiência sintoniza com a imagem cunhada por Walter Benjamin do “tiger’s leap into the past”, em que a singularidade de um evento literário ganha iluminação específica enquanto ao típico normatizado é reservado o papel de pano de fundo. Segundo o autor são precisamente essas interrupções momentâneas do contínuo temporal, tendo como efeito a ramificação do cânone herdado em um caleidoscópio de momentos, que fazem com que o evento literário não permaneça enclausurado numa estrutura histórica fechada, imóvel, mas que possa ser entendido como entrecruzamento de inúmeras molduras referenciais temporais e espaciais em confronto, cuja interação, em cada instante, conduz a uma constelação única.

A composição da historiografia em forma de ensaios – no sentido literal de tentativas, de experimentos – não representa apenas uma estratégia de investigação dos distintos tópicos, mas pretende traduzir explicitamente paixões e interesses particulares que guiam os contribuintes individuais em suas escolhas e preferências temáticas, estilísticas, teóricas, estéticas e políticas. Esse aspecto do livro reflete a visão dos editores do estado atual da investigação no campo disciplinar da história da literatura, marcado pela coexistência de diversos paradigmas conflitantes. No entanto, essa liberdade de escolha surge contrabalanceada por certos pressupostos convergentes em relação a convicções compartilhadas sobre a mobilidade de conceitos de tempo e espaço e seus respectivos campos semânticos. Assim, a recusa consensual de traduzir a complexa cartografia da realidade histórica por uma narrativa unidimensional demanda, por parte dos historiadores, constantes reconstruções do seu repertório teórico a partir do qual enxergam e esboçam os contextos de experiência da temporalidade.

O experimento reflete, ainda, uma realidade básica da vida literária, porque os livros afetam sensibilidades distintas de modo desigual e sua ressonância depende igualmente de diferentes modos de ler. No contexto dessas convicções, emerge mais uma das “virtudes da forma de apresentação” destacada por Wellbery: chamar atenção sobre o fato de que outras escolhas teriam sido possíveis, o que o próprio título do livro atesta na troca do artigo determinado pela forma indeterminada: *uma* história da literatura germânica. A proposta alternativa do projeto funda-se no princípio da montagem, do arranjo de fragmentos, sem pretensão de compor imagens unificadas. E, neste sentido, ele é deliberadamente estruturado a partir da justaposição de eventos para interromper a linearidade sequencial de histórias de literatura e para produzir efeitos de heterogeneidade.

É precisamente esta qualidade, presente em *A New History of German Literature*, que distingue essa escrita de congêneres anteriores, tanto em sua proposta temática quanto na sua configuração estrutural. O interesse por esses novos experimentos, não só junto a um círculo restrito de especialistas, mas junto a um circuito mais amplo se explica provavelmente, também, por se tratar de uma tentativa que ensaia na prática o difícil casamento entre o recinto fechado da academia onde se processa, de fato, a construção do repertório teórico e o espaço *extra-muros*, onde circulam efetivamente histórias de literatura.

No caso específico do exemplo discutido, podemos aventar, ainda, a hipótese que ele soube revigorar uma experiência viva fundada no desejo de tocar, cheirar e provar os objetos de investigação de nossa curiosidade, como o quer Hans Ulrich Gumbrecht –um dos co-editores da coletânea– em seu próprio experimento de simultaneidade do tempo, *Em 1926. Vivendo no limite do tempo*, que, por seu lado, não deixa de ser mais uma forma de gaia ciência (GUMBRECHT, 1999).

Conclusão

As minhas observações finais, que permitem dar contorno ao experimento historiográfico abordado -e formas similares- são dedicadas a um modo de pensar alternativo em relação ao par conceitual de identidade e diferença. As discussões na década de 1980, em torno do chamado projeto pós-moderno, situavam-se em suas extremidades polares como oposição entre ideais fundamentalistas e outras afinadas com perspectivas de relativismo radical. Tanto um modelo de construção de sentido fundado sobre mecanismos de redução de complexidade pelo estabelecimento de fronteiras como instrumento de cristalizar identidades em sua diferença, quanto uma ótica de multiplicação radical das diferenças, percebida negativamente como “anything goes” aleatório, podem ser vistos como avessos a projetos de cooperação e interação.

Diversos modelos dialógicos, expressos por variados conceitos de hibridez e hibridação ensaiaram modos de mediação. Um deles é proposto por Siegfried J. Schmidt em *Geschichten & Diskurse* (Histórias e discursos) como “elaboração contingente da contingência” (SCHMIDT, 2003). Para ele trata-se de um projeto baseado na aceitação da contingência de nossas ações, sublinhando, ao mesmo tempo “boas razões” para não se comprometer com todas e, mantendo, desta forma, em aberto possibilidades de transformá-las. A alternativa proposta, equidistante tanto de uma anarquia radical quanto de um terrorismo fundamentalista, aponta não só para um pensamento flexível, relacional e processual, mas igualmente pretende pautar-se por valores voltados para comportamentos solidários e a eliminação de hierarquias.

Diferenças sócio-culturais permanecem invisíveis em sociedades paralelas, o que não é a nossa situação atual. Suportar contingências e aceitar que o reconhecimento de identidades culturais diferentes não significa necessariamente destruir as diferenças, nem torná-las inofensivas em falsos consensos, seriam formas de agir e sentir que permitem valorizar e desejar formas de contingência criativa, como propostas pela arte e pela literatura.

No horizonte destes argumentos, o experimento de historiografia literária analisado pode ser visto, em sua configuração babélica, como ensaio capaz de recuperar valores de uma gaia ciência, idealizada por Nietzsche “para fazer brilhar novas galáxias de alegria” (NIETZSCHE, 2007. p. 64) a partir de cruzamentos inesperados, livres, paradoxais.

Referências Bibliográficas

- CHARTIER, Roger. *À beira da falésia*. Porto Alegre: Ed. Universidade, 2002.
- GUMBRECHT, Hans Ulrich. *Em 1996. Vivendo no limite do tempo*. São Paulo: Record, 1999.
- MATT, Peter von. Rezension. Feuilleton Literatur. Frankfurter Allgemeine Zeitung, 22.4.2006
- NIETZSCHE, Friedrich. *A gaia ciência*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- OLINTO, Heidrun Krieger. Como falar de histórias (de literatura) hoje? *Palavra*, 7, 2001, p. 114-123.
- POTTER, Edward T. Snapshots of German Literary and Cultural History. *H-German, H-Net Reviews*, August, 2006. URL: <http://www.h-net.org/reviews/showrev.cgi?path>.
- RÜSEN, Jörn. A história entre a modernidade e a pós-modernidade. *História*:

Questões e Debates. v. 14, n. 26/27, jan./dez., 1997, p.80-101

SCHMIDT, Siegfried J. *Geschichten & Diskurse*. Reinbek bei Hamburg: Rowohlt, 2003.

WELLBERY, David E. et alii (eds.). *A New History of German Literature*. Cambridge: Harvard UP, 2004 a.

WELLBERY, David E. Introduction. In: _____. *A New History of German Literature*. Cambridge: Harvard UP, 2004 b, p. xxii-xxv.

Autora

¹ **Heidrun Krieger OLINTO, Prof.^a Dr.^a**

Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio)

Departamento de Letras

E-mail: heidrunko@gmail.com